

# A INFLUÊNCIA DO DESEJO PARENTAL NAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

*The influence of the parental desire in the high  
abilities/superendowment: a psychoanalytical approach*

Janaína Pereira Pretto <sup>(1)</sup>

## RESUMO

**Tema:** O presente trabalho busca discutir as altas habilidades/superdotação, através de uma leitura psicanalítica, propondo estudar a superdotação como se constituindo em uma forma peculiar de responder ao fantasma parental, sobretudo, com o que se relaciona ao desejo materno, colocando-se como algo que está além da estrutura, presente tanto na neurose, quanto na perversão e psicose. A partir disso, será abordada a concepção psicanalítica do processo de estruturação psíquica, dando ênfase na constituição neurótica do sujeito, a fim de circunscrever de que forma o mesmo se encontra referido ao significante superdotado e como isso se refletirá em sua relação com o saber. Sendo assim, será analisada a noção de estrutura psíquica e de inconsciente estruturado, verificando como essa teoria introduz a figura materna no processo de constituição psíquica do sujeito e como isso reflete nos processos cognitivos. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, onde foram selecionados livros e artigos capazes de explicar o tema proposto. **Objetivo:** buscar entender como o elevado desempenho intelectual do superdotado surge como uma forma de atender ao desejo narcísico dos pais. **Conclusão:** de acordo com a revisão de literatura, a criança superdotada, embora de uma forma inconsciente, pode ser um substituto capaz de recobrir as perdas da infância, o retorno ao tempo perdido, os amores perdidos, os ideais parentais, atendendo prontamente à demanda incondicional do Outro. Neste sentido, as altas habilidades/superdotação surgem como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

**DESCRIPTORIOS:** Inteligência; Narcisismo; Psicanálise

## ■ INTRODUÇÃO

Ao analisar o tema Altas Habilidades/Superdotação, faz-se necessário conceituar e contextualizar algumas questões. A superdotação é entendida como um fenômeno multidimensional e agregam muitas características de desenvolvimento do indivíduo, abrangendo tanto aspectos cognitivos quanto características afetivas, neuropsicomotoras e de personalidade. Não se pode esquecer, ainda,

que o conceito de superdotação é influenciado pelo contexto histórico e cultural e, por isso, pode variar de cultura para cultura e em função do momento histórico e social. De forma geral, consideram-se como superdotados aqueles que demonstram habilidades muito acima da média em um ou mais domínios, seja no domínio intelectual, artístico ou no domínio das relações sociais, produções criativas, esportivas e psicomotoras <sup>1-3</sup>.

O indivíduo superdotado caracteriza-se por apresentar um desempenho superior à média em uma ou mais áreas, comparados à população geral da mesma faixa etária <sup>3</sup>. Muitas das características presentes nestes indivíduos diferem das encontradas em indivíduos da mesma faixa etária. Assim, <sup>4</sup> define o superdotado como um indivíduo

<sup>(1)</sup> Psicóloga; Consultório de Psicologia, Santa Maria, RS. Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades Superdotação; Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana na Universidade Federal de Santa Maria.

Conflito de interesses: inexistente

que possui um desenvolvimento assíncrono entre habilidades intelectuais, psicomotoras, características afetivas e aspectos do desenvolvimento cronológico. Essa assincronia pode ser traduzida por desenvolvimentos não lineares, característicos do superdotado, e que seriam os geradores de sentimentos de descompasso do indivíduo em relação a si mesmo e à sociedade. As habilidades cognitivas avançadas e a intensidade emocional elevada do superdotado são combinadas para criar uma experiência interna, um predicado de atenção e de consciência que é qualitativamente diferente do padrão normal.

O indivíduo superdotado passa a ser caracterizado como sendo aquele que “apresenta facilidade no desempenho escolar e qualidade superior nos relacionamentos sociais, relatando-se que longe de se constituir um problema clínico, a superdotação parece facilitar a adaptação às mudanças”<sup>5</sup>. Colocam-se como traços não só uma inteligência superior, como também um desenvolvimento físico, social e emocional privilegiado em relação ao indivíduo com um nível de inteligência média.

Estas características são o resultado da carga hereditária somada às influências ambientais que, juntas, favorecem o aparecimento dos talentos. Segundo a autora, os critérios básicos para a identificação das altas habilidades seriam: a precocidade de traços, a constância no desempenho e a possibilidade de desenvolver rapidamente os potenciais<sup>6</sup>.

Já Robinson<sup>7</sup> relata algumas características de personalidade, observadas em crianças precoces, que parecem interferir sobre o potencial intelectual, favorecendo sua manifestação. São elas: a tolerância à frustração, a concentração e a persistência em tarefas complexas, a capacidade de atenção durante um longo período quando uma tarefa é absorvente, um nível de atividade e de energia moderadamente alto e o prazer em dominar um conhecimento.

Além do conceito, muitos são os aspectos a serem considerados no tema em questão e muitos são os enfoques teóricos que podem subsidiar o pesquisador em sua trajetória de estudo. O presente trabalho discute a temática das altas habilidades/superdotação numa abordagem psicanalítica, considerando os fatores subjetivos a ela relacionados, buscando compreender qual é a relação entre a superdotação e a resposta do sujeito ao desejo materno.

Propondo uma leitura psicanalítica do tema, supõe-se que a superdotação se constitui de uma forma peculiar de responder ao desejo inconsciente da mãe e ao fantasma parental, colocando-se como algo que está além da estrutura, presente tanto na neurose, quanto na perversão e psicose.

Sendo assim, a partir dessa proposição, será discutida, neste trabalho, a concepção psicanalítica do processo de estruturação psíquica, dando ênfase na constituição neurótica do sujeito, a fim de circunscrever de que forma o mesmo se encontra referido ao significante superdotado e como isso se refletirá em sua relação com o saber.

A partir da vertente psicanalítica, também será analisada a noção de estrutura psíquica e de inconsciente estruturado, verificando como essa teoria introduz a figura materna no processo de constituição psíquica do sujeito e como isso reflete nos processos cognitivos.

Para poder compreender em que medida as figuras parentais exercem influência na constituição psíquica e cognitiva do sujeito, só poderá ser feito na medida em que for considerado que “pais e crianças” encontram-se capturados em um mesmo campo e determinados pelas leis do simbólico e da linguagem. Há, portanto, uma espécie de amarração discursiva determinando e permitindo que haja circulação de doenças, palavras e efeitos entre eles, a ponto de o desaparecimento de um ‘traço’, no pai e na mãe, poder provocar efeitos sobre seu filho<sup>8</sup>.

Segundo Bleichmar<sup>9</sup>, é a partir do pensamento de Lacan que se inaugura, pela primeira vez, a perspectiva de estabelecer uma relação entre o inconsciente da criança e o desejo parental. Já Mannoni<sup>10</sup> coloca que “a dinâmica pai-mãe-filho está bem antes do nascimento da criança e reenvia cada um dos pais à maneira pela qual eles mesmos viveram seus édipos e ultrapassaram as distorções ligadas ao desejo do incesto” (p.64). Segundo a autora, o sujeito a advir está marcado pela intersubjetividade e é a partir do lugar que ocupa no desejo da mãe, desejo este estruturado em função da história materna, e da forma como o pai pode ou não exercer uma dupla castração (tanto na mãe quanto na criança), que este sujeito poderá se constituir (p.65). Mannoni<sup>11</sup>, ao colocar que a demanda da mãe em relação ao filho se constitui no invólucro de seu desejo perdido, faz uma menção à função que o superdotado ocupa para sua mãe, perguntando-se sobre o que ocorre quando a mãe solicita que o filho seja inteligente. A autora responde ao questionamento afirmando que por trás dessa fantasia materna há demanda de outra ordem relacionada ao histórico da mãe, diante do qual a criança permanecerá como sombra. A relação mãe-filho vai estabelecer-se através de um prisma deformante. A criança não sabe que é chamada a desempenhar um papel para satisfazer o voto inconsciente da mãe (papel do superdotado, do débil, do doente). Sem o saber, ela é certo modo ‘raptada’ no desejo da mãe (p.43).

Conforme a autora acima se pode perceber que a superdotação pode ser uma forma de atender ao desejo materno, e como tal, há uma estreita ligação com os aspectos da sexualidade dos pais da criança, constituindo-se como mencionado anteriormente, em um traço do sujeito que se submete à condição de falo para a mãe. Dias<sup>12</sup> discute a questão do objeto, o fazendo primeiramente a partir de uma crítica frente à tomada da relação mãe-criança como uma relação real, acrescentando a esses dois elementos um terceiro, isto é, o falo – o significante da falta, que os transpõe para uma dimensão imaginária e simbólica.

Ainda Dias<sup>12</sup> discute acerca dos textos de Freud, a fim de explicitar o modo como o sujeito se posiciona a partir da falta do objeto. Coloca que uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através do qual se exerce todo esforço de busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia desta dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, fazendo com o que é procurado não seja da mesma forma, encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura. Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto (p.13).

O interesse pela temática estudada relacionada à vertente da psicanálise proporcionou um entendimento da superdotação para um viés clínico, contribuindo para a discussão da concepção de superdotado no campo da psicologia numa dimensão mais simbólica. Para isso recorreremos ao texto de Freud<sup>13</sup> “A lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, no qual ele se põe a falar das investigações sexuais infantis acerca da infância de Da Vinci, abrindo espaço para a formulação do desejo de saber e permitindo situar às altas habilidades/superdotação em relação à sexualidade, naquilo que esta comporta de desejo e de gozo.

Também Miller<sup>14</sup> fala que as crianças bem dotadas, por serem mais sensíveis, podem captar melhor os anseios maternos. E para atendê-los, criam um falso eu, uma falsa identidade, afastando-se de seu verdadeiro eu. A criança percebe claramente e desenvolve uma postura na qual apenas mostra o que é esperado dela (a superdotação) e desiste desde muito cedo de expressar suas próprias angústias.

Este artigo tem como objetivo buscar entender como o elevado desempenho intelectual do superdotado surge como uma forma de atender ao desejo narcísico dos pais.

## ■ MÉTODOS

Para desenvolver este trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica realizada entre setembro e outubro de 2008, sendo selecionados livros e artigos oriundos da Bireme, capazes de explicar sobre o tema proposto, utilizando palavras-chave, como: inteligência, narcisismo e psicanálise. Após esta etapa, foi realizada uma análise exploratória para verificar o quanto o material colhido auxiliaria na construção do artigo.

## ■ REVISÃO DA LITERATURA

### A construção do desejo materno

O desejo que uma mulher sente de ter um filho é alimentado por muitos motivos e impulsos diferentes e seria impossível enumerá-los todos, em cada caso individual, segundo observam Brazelton e Cramer<sup>15</sup>. Para dar uma idéia da potência e da complexidade desse desejo, os autores destacam alguns ingredientes mais importantes, tais como: identificação, satisfação de várias necessidades narcisistas e tentativas de recriar velhos laços no novo relacionamento com o bebê. Sobre o quesito identificação, os autores observam que todas as mulheres, na infância, tiveram alguma forma de cuidado materno e, à medida que receberam esse cuidado, tendem a engendrar a fantasia de se tornarem as cedentes, e não as receptoras dessa ação. Quando adquirem mais autonomia, essas mulheres começam, portanto, a adotar a postura das demais mulheres que as rodeiam. E, por imitação, aprenderão como se comportam as figuras maternas.

Entre os motivos narcisistas que alimentam o desejo de ter um filho Brazelton e Cramer<sup>15</sup>, apontam que há a vontade que a pessoa tem de conservar uma imagem idealizada de si mesma como um ser completo e onipotente, o desejo de duplicar a si mesma ou de se espelhar num outro e o desejo de realizar os próprios ideais. O trabalho narcisista se expressa na vida psíquica por meio das fantasias de ser completo e onipotente. Para Brazelton e Cramer<sup>15</sup>, o desejo de completude é satisfeito nas mulheres com esse sentimento tanto pela gravidez quanto pela própria existência da criança, sendo que, em algumas mulheres, predomina o desejo de estar grávida, pois a gravidez lhes dá a sensação de estarem plenas e completas, de experimentarem a potência e a produtividade do corpo.

Já o desejo narcisista da mulher que quer se completar por meio da criança é mais diferenciado. A mãe vê, na criança desejada, em primeiro lugar, uma extensão de seu próprio *self*, um apêndice de seu corpo. A criança dá, para essa mãe, nova

potência a sua imagem corporal, acrescentando-lhe uma dimensão a mais, que pode ser orgulhosamente exibida.

Ao lado do desejo de ser completo há ainda a fantasia da simbiose, da fusão com a criança, desejo este que vem acompanhado da vontade de retornar à unidade com a própria mãe<sup>15</sup>. Ao proporcionar oportunidade de gratificação de tais fantasias de simbiose, a gravidez é também uma época para sonhar e se deleitar com fantasias de união. Depois do nascimento do bebê, o desenvolvimento e a continuidade das atitudes de apego maternal dependem da capacidade que a mulher tem de retomar suas fantasias de unidade com a própria mãe. O futuro bebê encerra em si a promessa de uma relação íntima, de uma realização de fantasias de infância.

O desejo acalentado pela mulher de gerar uma criança pode também conter em si a esperança da autoduplicação, mantendo uma noção de imortalidade: a criança será um testemunho vivo da continuidade da existência da mãe. Brazelton e Cramer<sup>15</sup>, dizem que esse fenômeno é o desejo da mãe de se espelhar na criança. Esse anseio pela imagem especular abarca também os ideais e a tradição familiar, pois a criança representa, nesse sentido, uma promessa de continuidade, uma personificação desses valores. A criança é vista como o elo seguinte numa longa cadeia que vincula cada pai com seus próprios pais e ancestrais. A potência dessa filiação como bem observa os autores, cria um sem-número de expectativas, pois a criança será portadora das características e do nome da família, poderá se instruir na profissão típica da família ou receber o nome de um ancestral famoso. Existem ainda vários rituais que envolvem o nascimento de uma criança, dependendo das culturas e religiões das famílias envolvidas, o que fortalece ainda mais esse sentimento poderoso e necessário de identidade entre as crianças e seus familiares.

Diante de tantas expectativas e desejos, é importante ressaltar que todo recém-nascido pode carregar um potencial de decepção, ou seja, nenhum bebê é capaz de preencher e estar à altura de todas as fantasias que os pais acalentaram em relação ao seu futuro filho. Assim, certos traços perfeitamente normais num bebê podem também desencadear uma decepção. Isso porque, para todo pai ou mãe, três bebês diferentes reúnem-se no momento do nascimento: a criança imaginária de seus sonhos e fantasias; o feto invisível real (hoje só visto por exames devido à alta tecnologia e avanços da medicina), cujos ritmos e personalidade particulares se foram fazendo cada vez mais evidentes no decorrer

da gravidez; e o recém-nascido de fato, que pode ser visto, ouvido e, por fim, pego nos braços<sup>15</sup>.

O apego pelo recém-nascido, segundo os mesmos autores, constrói-se com base em relacionamentos preliminares com uma criança imaginária e com o feto que durante nove meses foi elemento integrante da vida dos pais. Observam ainda que as “primeiríssimas” interações que se dão entre pais e filho ocorrem muito antes desse período, justamente a partir de forças biológicas e ambientais que levam mulheres e homens a desejar o bebê, bem como às fantasias suscitadas por esses desejos. Tais fatores podem ser considerados como parte da pré-história do apego dos pais pelo bebê.

As fantasias que os pais fazem com relação à criança, que já começam na relação imaginária à qual se refere Aulagnier<sup>16</sup>, podem persistir depois do nascimento e prejudicar a interação da díade mãe-bebê. “Os pais, por estarem se relacionando com um fantasma, tornam-se incapazes de reagir aos sinais emitidos pela criança. O fantasma pode ocupar todo o espaço disponível”<sup>15</sup>. Nessa circunstância, os pais terão muita dificuldade ou nenhuma possibilidade de ver o filho como realmente é, e esse comportamento poderá interferir na alimentação do bebê, em seu sono e disciplina. A intromissão do fantasma revela uma vulnerabilidade correspondente no passado dos pais. Esses aspectos estão ligados ao conceito de identificação projetiva.

Em todos os casos, mesmo quando não há patologia, o bebê que se desenvolve no ventre materno é o bebê das profundezas do inconsciente da mãe ou bebê fantasmático, imaginário, carregado de expectativas dos meses de gestação. Mas é justamente esse bebê que abre caminho do passado para o bebê real; e é também o bebê imaginário que assegura os vínculos entre o bebê real e suas próprias origens<sup>17</sup>.

Para Brazelton e Cramer<sup>15</sup>, os desejos e fantasias são apenas parte das forças e pressões sociais que se combinam para formar a potência e a complexidade do desejo de ter um filho. Todos esses fatores contribuem para energizar a capacidade de uma mãe de gerar e nutrir, pois, à medida que reorganizam seus sonhos e emoções, preparam o terreno para o sentimento de apego pelo bebê.

### **Constituição Psíquica e Criatividade**

A atividade criadora é que impulsiona o homem para o futuro, fazendo com que se desenvolva sua capacidade de imaginar, modificar, combinar, criar, em diferentes níveis de complexidade. Aproveitar as experiências vividas e dar novo sentido a elas, extrair partes de um todo e reorganizá-las, modificar o que já existe são processos imprescindíveis

para o desenvolvimento mental, afetivo e social da pessoa <sup>18</sup>.

A psicanálise freudiana refere-se à criatividade como resultado de uma força que emerge do inconsciente, na tentativa da resolução de um conflito; e afirma que esse processo, se não for vivenciado de forma satisfatória, pode reverter-se em neurose. Para Rodrigues<sup>19</sup>, a criatividade origina-se num conflito dentro do inconsciente (o Id). Mais cedo ou mais tarde, o inconsciente produz uma solução que, se reforçar uma atividade consciente da personalidade (o Ego), gerará um comportamento criador. Para ele, as pessoas criativas afastam-se da realidade por não aceitá-la tal como é, com suas normas e restrições, e é esse afastamento que permitirá o uso do potencial criativo, por meio da capacidade de criar produtos da imaginação.

Jordão <sup>20</sup> acredita que a criatividade pode estar vinculada a dotes especiais. Conforme o autor o artista é, originariamente, um homem que se afasta da realidade, porque não se resigna em aceitar a renúncia da satisfação dos instintos por ela exigida. Porém, encontra o caminho de volta desse mundo imaginário para a realidade, construindo com suas fantasias, graças a dotes especiais, uma nova espécie de realidades, admitidas pelos demais como imagens valiosas da realidade. Ainda na perspectiva de Jordão <sup>20</sup>, tanto a neurose como a criatividade tem por traço característico uma atividade imaginativa de particular intensidade e tem a mesma fonte, que é o conflito inconsciente. Ou seja, os desejos inconscientes, expressos por meio das fantasias, são passíveis de realização simbólica, a qual resulta em aliviar a tensão causada pela não satisfação do desejo. Conforme Sordi <sup>21</sup> a criatividade e a neurose têm a mesma origem, sendo a pessoa criativa e a neurótica impelida pela mesma força: a energia do inconsciente

Poli <sup>22</sup> postula ser a criatividade um mecanismo compensatório contra sentimentos de inferioridade, pelo quais os indivíduos alcançam formas de afirmação e realização pessoal. A criatividade é assim vista como uma forma de resolver problemas neuróticos por meio da sublimação. A pessoa criadora usa e aceita as idéias que surgem livremente e as produções do seu inconsciente, enquanto a pessoa neurótica não permite a fluidez e bloqueia sua criatividade. Na obra freudiana encontramos um esboço do processo criativo, através do processo de “sublimação”, sendo possível compreender em Freud que o ato criativo está relacionado à sublimação. Entendemos que Freud procura definir em diferentes momentos a sublimação, contudo este conceito permanece oscilante entre um significado que estaria relacionado á transformação da pulsão sexual em dessexualizada e outro significado ligado

à criação, em que cria objetos valorizados culturalmente, não precisando destituir-se de sua satisfação erótica.

A criação é uma forma de sublimação, de se atingir indiretamente algo que, conscientemente, não se teria condição de fazê-lo. Parando de brincar ao se tornar adulto, o indivíduo só aparentemente desiste desta grandiosa fonte de prazer. Ao perder a ligação com os objetos reais das brincadeiras, passa a fantasiar. Suas fantasias podem ser tanto desejos eróticos quanto desejos de engrandecimento. O artista ou criador, como não possui os meios de alcançar determinadas satisfações, foge da realidade, passando a elaborar desejos imaginários. Segundo Freud, não está longe de ser um neurótico; criar é o seu consolo, é a gratificação do seu próprio inconsciente inacessível.

Winnicott <sup>23</sup> sustentou os pré-requisitos da curiosidade intelectual em dois enigmas fundamentais que se colocam na infância: 1) de onde vêm as crianças; e, 2) porque o mundo se reparte em meninos e meninas. Ambas as perguntas estão determinadas pelo posicionamento desejante da criança em sua correlação com as figuras edípicas. São perguntas que, se em princípio têm um interesse prático, remetem não á autoconservação, mas ao libidinal, ao desejante. Neste processamento da inteligência, a repressão originária determina, a partir da lógica da contradição, o que pode ficar no ego e o que deve ser reprimido.

Segundo Grecco <sup>24</sup> a criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Esse espaço intermediário inicialmente surge entre a mãe e o bebê, vai transformando-se, com a entrada do pai (na relação), em espaço cultural e tem a possibilidade de expandir-se por meio do inter-relacionamento, numa experiência criativa por toda a vida cultural do homem. Visto que é necessário que haja uma atitude social positiva no ato de brincar, este, como uma experiência criativa (e que representa uma experiência de continuidade do espaço transicional), é uma forma básica de viver.

### **Conceituando a inteligência**

O conceito de inteligência, no referencial psicanalítico, sofre um deslocamento de ênfase nos aspectos biológicos, ambientais ou interacionistas para centralizar-se nas questões referentes à sexualidade e ao desejo, introduzindo questões relacionadas à linguagem e ao estabelecimento de uma ordem fálica. Através do discurso psicanalítico, tentaremos demonstrar como a superdotação pode surgir como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

Miller <sup>14</sup> defende a concepção de Melanie Klein, quando considera a influência dos pais no desenvolvimento da criança, através de atitudes e expectativas dirigidas a ela, a fim de atender o narcisismo parental. Como conseqüência deste posicionamento dos pais, o desenvolvimento da personalidade da criança se dará de forma a somente revelar aquilo que dela é esperado, havendo um processo de fusão entre o que a criança é, e aquilo que a mesma desempenha, favorecendo um distanciamento cada vez maior do que Grecco <sup>24</sup> denominou de self verdadeiro.

Miller <sup>14</sup>, utilizando este referencial, afirma que se estabelece um “estado de não-comunicação”. Este estado se caracteriza por um sentimento de vazio e de futilidade por parte desses sujeitos, que se queixam de sentirem-se “sem lugar no mundo”, uma vez que o vazio sentido é real. Os pais encontram no “self falso” da criança a confirmação do que buscam, como um substituto de suas próprias estruturas perdidas. A mãe “ama a criança como seu self-objeto, excessivamente, embora não da maneira que o filho precisa e sempre sob a condição de que ele manifeste seu ‘falso-self’”. Neste caso, a criança seria uma vítima do egoísmo dos pais, vendo-se forçada a atendê-los em seus ideais, sob o risco de perder o amor dos mesmos.

Se uma criança criada desta forma não quer perder o amor de seus pais, deve aprender muito cedo a compartilhar, a dar, a fazer sacrifícios e a estar disposta a abster-se de gratificação, muito antes de ser capaz verdadeiramente de compartilhar ou da real predisposição de ‘fazer sem esperar nada em troca’ <sup>14</sup>.

A inteligência acima da média, nesta perspectiva, surge como uma forma de atender o ideal narcísico dos pais e ao mesmo tempo como uma função de suporte, sendo decisiva no fortalecimento dos mecanismos de defesa da criança para lidar com o distúrbio narcísico favorecido pelas figuras parentais.

A autora considera sua experiência de vinte anos em atendimento clínico, descrevendo que os “pacientes bem-dotados”, por um lado são louvados e admirados por seus talentos, por outro lado nutrem um sentimento de insegurança e instabilidade, não sendo capazes de tirar proveito de suas realizações. Tendem a repetir frente a seus parceiros, amigos e demais pessoas que deles se aproximam a mesma posição tomada primeiramente em relação aos pais.

A autora acima afirma que atrás de tudo isso, está a depressão, o sentimento de vazio e auto-alienação, além de um senso de que suas vidas são destituídas de sentido <sup>14</sup>. Pode-se entender que o conhecimento, a intelectualização cumprem a

função de suprir uma falta ou de defender o sujeito de um ataque por parte dos pais.

Sabe-se da importância da tolerância à frustração por parte da criança, diante das demandas educacionais parentais, como uma pré-condição para a fundação de um aparato organizador do pensamento e de suas funções cognitivas. Miller <sup>14</sup> “aborda esta questão permitindo entender dois modos paradoxais “de o sujeito se colocar em relação á intelectualização, tomando-a como uma forma de atender o narcisismo dos pais e ao mesmo tempo, de se defender deles”.

A importância que o Outro primordial tem na montagem psíquica do *infans*, Freitas <sup>25</sup> acrescenta também que o lugar do filho no desejo dos pais é parcela essencial na constituição subjetiva, ensinando que o amor dos pais nada mais é do que um retorno de seu próprio narcisismo. Diz ainda que o bebê vem realizar os sonhos dos pais e satisfazer seus desejos com este ideal. É por este caminho que Lacan vai trafegar, acentuando que o desejo dos pais é fundamental para a constituição psíquica do sujeito.

Dias <sup>12</sup> especifica que a mãe, enquanto função está além de sua maternagem na medida em que se torna responsável pela introdução da dimensão simbólica na díade primordial. Ou seja, na condição de representante do discurso – tesouro dos significantes –, a mãe constitui um saber sobre as demandas a ela dirigidas, conferindo-lhes um sentido. Este Outro na relação com a criança vem evidenciar o caráter simbólico da subjetivação do sujeito lacaniano. Segundo o mesmo autor <sup>12</sup>, no discurso sustentado por um sujeito, há algo que ultrapassa seu querer. O paradoxo, o imprevisto, o acidente produzem significantes que se engatam e geram efeitos de sentido. É aí que fica em jogo uma verdade num nível diferente do eu do sujeito. Há alguma coisa que funciona no inconsciente mais além do par formado pelo eu e o outro, trata-se de uma entidade estrutural. Conforme Mannoni <sup>11</sup> “o que na mãe não pôde ser resolvido no nível da experiência da castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, muitas vezes não fará mais do que fazer ‘falar’ a angústia materna”.

Já Green <sup>26</sup> utiliza o conceito de mãe morta para definir a mãe enlutada e depressiva que cuida de um bebê e as conseqüências desse comportamento na criança. A mãe morta aqui analisada é uma metáfora, pois o autor não trata das conseqüências psíquicas da morte real da mãe, mas de uma imago que se constitui na psique da criança em conseqüência de uma depressão materna, particularmente devido a um luto sofrido pela mãe, mas também por abandono ou humilhações e grandes infortúnios vividos por ela. O autor relata o quanto

essa mãe que está criando um bebê pode afetá-lo, por estar com seu estado emocional comprometido pelo traço essencial de uma depressão.

A mãe morta é, portanto, uma mãe que permanece viva, mas que está aos olhos da pequena criança de quem ela cuida morta psiquicamente.

O autor afirma que tal depressão materna transforma brutalmente o objeto vivo, fonte de vitalidade da criança, em figura “distante, átona, quase inanimada, impregnando muito profundamente os investimentos de certos sujeitos que temos em análise e pesando sobre o destino de seu futuro libidinal, objetual e narcisista. A transformação na vida psíquica, no momento do luto súbito da mãe que desinveste brutalmente de seu filho, é vivida pela criança, como uma catástrofe<sup>26</sup>. Primeiro porque, sem qualquer aviso prévio, o amor foi repentinamente perdido, havendo um trauma narcisista. Há ainda uma perda de sentido para a criança, pois ela não entende o que aconteceu. O autor ainda afirma que a criança que teve uma “mãe morta”, no sentido dessa metáfora, sofreu uma brusca interrupção no início de sua vida. Antes, tinha uma relação rica e feliz com a mãe e sentia-se amada. Depois, de forma abrupta, e sem entender o porquê, vive a perda de amor da mãe. O autor destaca ainda que a criança teve a cruel experiência de ficar precocemente dependente às variações de humor da mãe. Por esse motivo, desenvolveu a capacidade de adivinhar ou antecipar os acontecimentos, o que pode, inclusive, resultar numa criação artística ou intelectualização muito rica desse sujeito. Essa capacidade para antecipar ou adivinhar os acontecimentos, segundo o autor acima citado, nada mais é do que uma tentativa de dominar a situação traumática.

Esse domínio, no entanto, poderá fracassar, as sublimações idealizadas precoces são proveinentes de formações psíquicas prematuras e precipitadas, o que abrirá a possibilidade de o sujeito ser incapaz de equilibrar-se em suas relações de objeto e ter um ponto vulnerável nesse sentido, que é sua vida amorosa<sup>26</sup>. “Em suma, os objetos do sujeito ficam sempre no limite do Eu, nem completamente dentro nem totalmente fora”. E isto porque o lugar está ocupado, no centro, pela mãe morta.

Freud<sup>13</sup> observa a questão da relação mãe – criança, dizendo que sua natureza é a de uma relação amorosa plenamente satisfatória que não somente gratifica todos os desejos mentais, mas também todas as necessidades físicas; e isto representa uma das formas possíveis de felicidade humana, em parte será devido à possibilidade que oferece de satisfazer, sem reprovação, desejos impulsivos há muito tempo reprimidos e que podem ser considerados como perversos. Cabe ressaltar

que este amor incondicional tem um preço, o de responder incondicionalmente ao desejo materno.

Foi em 1910 que Freud escreveu sobre “A lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, onde ele se propõe a estudar essa “grande figura da humanidade” e a analisar as inibições de Da Vinci tanto na vida sexual como nas atividades artísticas, além de, nesse texto, também desenvolver suas teorias em torno do conceito de sublimação. Freud considerou Da Vinci um “gênio poliforme”, com uma versatilidade que o levou a ser artista, escritor e cientista brilhante.

Com este estudo Freud pretendeu esclarecer quem era o “misterioso” Leonardo da Vinci e o que realmente movia sua intelectualidade. O acervo produzido por Da Vinci o qualificou como “gênio universal” ou “homem do renascimento”, afinal proporcionou muitas contribuições para a ciência e para a civilização. No esforço de justificar psicologicamente a genialidade imaginativa de Da Vinci, Freud mobilizou-se a encontrar as influências que o motivaram a permanecer em sede insaciável e incansável de conhecimento. Vale ressaltar que a postura de pesquisador de Da Vinci, inicialmente era dedicada como uma “ferramenta” para atingir a precisão ideal nas obras. Sendo que posteriormente, a pesquisa tornou-se tão essencial quanto à própria arte.

A partir do texto de Freud, *A dissolução do Complexo de Édipo*, Kancyper<sup>27</sup> comenta sobre a introdução das especificidades que se referem à organização sexual feminina. Se por um lado, a ausência do falo coloca a questão da castração para a menina como um fato consumado, ao passo que para o menino se apresenta a constante ameaça frente à perda do órgão, por outro, não é sem resistências que a menina se defronta com a falta de um pênis. Sendo a renúncia do falo não tolerada pela menina, a mesma busca uma alternativa de compensação, e a partir disso ela desliza ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente, de dar-lhe um filho.

Ainda Kancyper<sup>27</sup> afirma, na perspectiva freudiana, esses “dois desejos”- “possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior”.

A partir da referência acima, Freud situa a questão da superdotação em dois vieses distintos. Quanto ao caso de uma menina superdotada, seria acrescentada à posse de um conhecimento como um possível substituto de um pênis. E num segundo momento, menciona-se o desejo de uma

mãe que concebe um filho superdotado, e que o toma de algum modo por objeto suplente de sua falta, ou seja, de sua supremacia fálica. Neste caso, ser superdotado corresponderia, no momento da constituição psíquica, o objeto suplente da falta materna, e, como tal, merecedor absoluto de seu amor, respondendo ao ideal narcísico.

No Seminário 11, “Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise”, de 1964, Dias<sup>12</sup> observa que, em Da Vinci, a arte se mistura à ciência e, a partir dele, o quadro passou a ser organizado de uma maneira totalmente nova na história da arte. Da Vinci foi considerado um homem à frente de sua época, com uma curiosidade incansável, com muitos talentos numa intensidade assombrosa, mas, na verdade, por mais genial que fosse, era apenas um homem que, como qualquer outro homem, era incapaz de escapar das marcas do Outro que irão constituir o sujeito.

A partir das indicações da personalidade de Da Vinci, Freud considerou suas pesquisas como sendo a meditação obsessiva dos neuróticos. Para combater esses excessos, surgiu nele um recalque forte o suficiente para afastar sua puberdade de toda atividade sexual, tendo a maior parte de sua sexualidade sido sublimada numa ânsia de saber. No texto de Freud “Três ensaios sobre uma teoria sexual”, de 1905, a forma sublimada da pulsão tem que passar necessariamente por uma mudança do objeto: essa mudança não se faz por intermédio de um retorno do recalque, que não se faz sintomaticamente, indiretamente, mas diretamente, de uma maneira que se satisfaz diretamente. A libido vem encontrar sua satisfação nos objetos (...), objetos socialmente valorizados, objetos aos quais o grupo pode dar sua aprovação, uma vez que são objetos de utilidade pública. É desse modo que a possibilidade de sublimação é definida<sup>28</sup>.

Essa satisfação, que Peskin<sup>28</sup> diz é paradoxal, pois entra em jogo aí a categoria do impossível, que é o real. Leonardo da Vinci parece ter inferido essa noção de impossibilidade ao definir sua obra como sendo feita “de uma atividade sempre no limite do realizável e do impossível”.

Apesar de a sublimação ser muitas vezes vista como sendo apenas um dos destinos da pulsão, talvez devêssemos estar mais atentos ao seu estatuto no interior da clínica da psicanálise, uma vez que a sublimação interage com o fantasma, com o narcisismo, com a repetição, com o gozo, com a falta e com o vazio. Para Lacan é a sublimação que irá presentificar essa opacidade subjetiva que Freud articula como satisfação da repetição. Há algo do real que insiste que está no lugar da causa, para que algo se inscreva. O sujeito que somos é opaco porque há um inconsciente. Pode-se constatar

isso em Leonardo, pois uma das impressões mais fortes de sua infância, segundo Freud, e que certamente deixou marcas inconscientes, é externada no famoso sorriso que se repete em suas figuras femininas, sorriso esse que recebeu a definição de “leonardiano”.

Freud atribui o fascínio que Leonardo teria por esse sorriso a uma lembrança de infância tão forte que dela ele jamais se libertou e o relaciona à figura de sua mãe Caterina. Leonardo já estaria sob o forte domínio da inibição quando, mais tarde, reencontra na Mona Lisa o sorriso beato que via no rosto de sua mãe quando o acariciava, não conseguindo desejar reencontrar tais carícias em outras mulheres.

O carinho excessivo de Caterina, conforme Freud<sup>13</sup> foi fatal para Leonardo, pois determinou o seu destino. A mãe abandonada pelo marido procurava compensar junto ao filho suas frustrações, substituindo o marido pelo filho pequeno, e privando - o de uma parte de sua masculinidade: “o amor da mãe pelo lactante a quem nutre e cuida é algo que chega muito mais fundo que sua posterior afeição pelo filho crescido. Para Lacan, no texto sobre Leonardo da Vinci, Freud destaca a importância da função mãe fálica para a criança que depende dela, ou seja, a criança está ligada ao falo como falta no plano imaginário. Lacan aponta que toda a obra de Leonardo da Vinci é estruturada a partir da relação do eu com o Outro. Entretanto, Leonardo da Vinci ao se deparar com a incompletude de sua mãe fálica, suscita uma insaciável sede de saber, como modo de resposta ao desejo materno.

A arte é vista por Freud como sendo uma satisfação substitutiva que é psiquicamente eficaz, devido ao papel que a imaginação e a fantasia ocupam na vida anímica; ela é um modo específico de organização em torno do vazio, e a obra de arte é uma forma de cingir a Coisa. Na arte, “o objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente pra cingir, para presentificar e para ausentificar. “A obra da sublimação não se limita à obra de arte, pois ela se estende a toda atividade que reproduz essa estrutura, essa reprodução da falta”.

Os três termos que Freud define para a sublimação são a arte, a religião e a ciência. Nesse sentido, Leonardo da Vinci não poderia ser um exemplo melhor, uma vez que ele passeou com a mesma desenvoltura pelos três tipos de sublimação: na arte, com seus belíssimos quadros, esculturas e desenhos; na religião, embora ele não tenha sido uma pessoa especificamente religiosa, mas sua relação com a natureza e sua admiração pelo Criador do universo tinham um caráter religioso; e na ciência, com suas infindáveis pesquisas.



Pode-se então concluir que foi ao re-trabalhar a falta de um modo infinitamente repetido que Leonardo alcançou o limite da obra de arte.

Percebe-se que o efeito do desejo materno pode acarretar à criança ao abordar a sexualidade de Leonardo da Vinci, análise realizada por Freud a partir da proximidade exacerbada de Leonardo com sua mãe, colocando a tal proximidade como um dos possíveis fatores relacionados à sua vida sexual e à dedicação, ainda que platônica, a amores homossexuais.

Freud<sup>13</sup> afirma que, na maioria dos casos de homossexualismo masculino, os indivíduos experimentam na primeira infância uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente a mãe, este vínculo fora despertado e encorajado pela ternura constante e intensa por parte desta. Posteriormente a este estágio preliminar, o amor da criança não será mais consciente, sofrendo portanto, repressão. O sujeito ao reprimir o amor por sua mãe tomará a si mesmo como objeto sexual ao se colocar no lugar dela, num processo decorrente de uma identificação narcísica, arrogando a si mesmo como modelo. Dessa forma, passa procurar outros jovens que se pareçam com ele, e possam amá-lo como a sua mãe o amou. Percebe-se que o narcisismo seria a captação amorosa do sujeito pela própria imagem. Freud afirma que este processo, na verdade, é um retorno ao autoerotismo, afinal os homens que o homossexualismo masculino diz amar são na realidade figuras substitutivas que o fazem recordar a si próprio durante a infância. Assim sendo, o sujeito busca encontrar seus objetos de amor segundo o modelo narcísico.

Dias<sup>12</sup> questiona o texto de Freud, apontando a maneira como Leonardo pode se colocar frente ao desejo da mãe fálica e como também sua genialidade constituiu-se num modo de resposta a este desejo. Referindo-se à questão da sublimação, retomamos o que observa Freud<sup>13</sup> ao dizer que

essa “transformação da força psíquica instintiva, da mesma maneira que a transformação das forças físicas, não poderia se realizar sem prejuízo” (p.69-70). Mostra que esta perda marca, sobretudo, no que tange à vida sexual do sujeito em muitos casos, pode passar a ser completamente restrita, assumindo um caráter secundário em prol do fator intelectual, o que se mostrava bastante marcante na vida de Leonardo da Vinci, e também pode ser percebido de formas variadas, presente na vida de sujeitos com altas habilidades/superdotação.

A atividade intelectual também pode ser um escape do recalçamento, como é vista no caso de Leonardo da Vinci, mas permanece secretamente ligada à busca do gozo sexual que era objetivo de suas primeiras investigações, levando o sujeito a repetir o fracasso experimentado quando da busca da resposta do enigma de sua existência, empreendendo-se numa busca sem fim de algo que se coloca cada vez mais distante, mas que por outro lado se coloca como mola propulsora de suas pesquisas. Este mecanismo pode ser considerado no caso da superdotação.

## ■ CONCLUSÃO

De acordo com a revisão de literatura discutida, no processo de constituição do superdotado, foi possível constatar a presença maciça da sexualidade dos pais, principalmente no que esta se refere ao desejo materno. A criança superdotada, embora de uma forma inconsciente, pode ser um substituto capaz de recobrir as perdas da infância, o retorno ao tempo perdido, os amores perdidos, os ideais parentais, atendendo prontamente à demanda incondicional do Outro. Neste sentido, as altas habilidades/superdotação surgem como um traço, direcionado a responder ao fantasma parental, sobretudo, naquilo que este se relaciona ao desejo materno.

**ABSTRACT**

**Background:** This work aims to discuss the high skills / superendowment, through a psychoanalytical reading, in where we propose to study the superendowment as constituting a peculiar to answer the parental ghost, above all, with what is related to the maternal wish, putting itself as something that is beyond the structure, present in the neurosis, as well as in the perversion and psychosis. From this, we will approach the psychoanalytical conception of the process of psychic structuring, in order to emphasis the constitution neurotic of the subject, for circumscribing in what form the same found referred to the significant superendowment and how this will be reflected in its relation with knowing. Such being the case, we will try to analyze the notion of psychic structure and unconscious structure, verifying how this theory introduces the maternal figure in the process of psychic constitution concerning the subject and how this reflects in the cognitive processes. For this study, we carried out a bibliographic type qualitative research where were selected books and articles capable to explain the theme. **Purpose:** to try to understand how the high intellectual performance of the gifted child it appears as a form to answer the narcissus wish of the parents. **Conclusion:** in accordance with the literature revision, the gifted child, though on one form unconscious, can be a substitute capable to recover the losses of infancy, the return to the lost time, the lost loves, the parental ideals, answering promptly to the unconditional demand of the other. To such an effective high skills/ superendowment appear as a trace, intended to answer the parental ghost, above all in what it relates to the maternal wish.

**KEYWORDS:** Intelligence; Narcissism; Psychoanalysis

**■ REFERÊNCIAS**

1. Alencar EMLS, Fleith DS. Superdotados: determinantes, educação e ajustamento. São Paulo: EPU; 2001.
2. Silva PVC, FLEITH DS. A influência da família no desenvolvimento da superdotação. *Psicol. esc. educ.* 2008; 12(2): 337-46.
3. Pocinho M. Superdotação: conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. *Rev. bras. educ. espec.* 2009; 15, (1): 3-14.
4. Alencar EML. Soriano de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. *Psicol. estud.* 2007; 12(2): 371-78.
5. Rosenberg RL. Psicologia do superdotado. Rio de Janeiro: J. Olympio; 1973.
6. Novaes MH. Desenvolvimento psicológico do superdotado. São Paulo: Atlas; 1979.
7. Robinson NM. The early development of precocity. *Gifted Child Quart.* 1987; 31(4):161-4.
8. Kupfer MCM. Pais: melhor não tê-los? In: Rosenberg AMS, organizador. O lugar dos pais na psicanálise de crianças. São Paulo: Escuta; 1994.p.109.
9. Bleichmar S. Do discurso parental á especificidade sintomática na psicanálise de crianças. In: Rosenberg AMS, organizador. O lugar dos pais na psicanálise de crianças. São Paulo: Escuta; 1994. p.125.
10. Mannoni M. Um saber que não se sabe. Campinas: Papyrus; 1989.
11. Mannoni M. A criança retardada e a mãe. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
12. DIAS MGLV. Do gozo fálico ao gozo do Outro. *Ágora (Rio J.)* 2008; 11, (2): 253-66.
13. Freud S. Leonardo da Vinci, uma lembrança de infância. *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago; 1910/1976.
14. Miller A. O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar e deformar a vida emocional de seus filhos. São Paulo: Summus Editorial; 1986.
15. Brazelton TB, Cramer GB. As primeiras relações. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
16. Aulagnier P. Observações sobre a estrutura psicótica. *Psicose – Uma leitura psicanalítica.* 2 ed. São Paulo: Escuta; 1991. pg.57.
17. Freud S. La novela familiar Del neurotico. *Obras Completas.* Madrid: Biblioteca Nueva; 1909/1973.
18. Vygotsky LS. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 1989.
19. Rodrigues AC, Costa CAR, Silva MEA, Silva EP. Psicanálise, saber e conhecimento. *Rev. Dep. Psicol. UFF* 2005; 17(2): 99-108.
20. Jordão AA. Narcisismo: metapsicologia propositiva para as novas subjetividade. *Cad. de Psicanál.* 2006; 22(25): 97-121.
21. Sordi RO. A constituição da inteligência: uma abordagem psicanalítica. *Psicol. Reflex. Crit.* 2005; 18, (3): 337-42.

22. Poli, Maria Cristina. A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. *Ágora (Rio J.)* 2007; 10(2): 279-94.
23. Winnicott DW. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes; 1989.
24. Grecco JE. Narcisismos. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* 2008; 11, (2): 688-92.
25. Freitas AHFLP. Uma voz que comanda: considerações sobre o supereu e o objeto. *Tempo psicanál* 2005; 37:15-25.
26. Green A. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: Escuta; 1988.
27. Kancyper L. Narcisismo, complejo de Edipo y complejo fraterno. *Rev.bras. psicoter.* 2006; 8(1): 7-22.
28. Peskin L. El diagnóstico psicoanalítico. *Subj. procesos cogn.* 2006; 8: 244-66.

DOI: 10.1590/S1516-18462010005000087

RECEBIDO EM: 29/09/2009

ACEITO EM: 18/12/2009

Endereço para correspondência:  
Janaína Pereira Pretto  
Rua Dr. Pantaleão, 233 ap. 703  
Santa Maria – RS  
CEP: 97010-180  
E-mail: janapretto@yahoo.com.br